

«VIDA RÚSTICA»

COSTUMES E PAISAGENS

EM países verdadeiramente civilizados, hoje, as obras d'arte, os costumes, a própria natureza não carecem já do exclusivo auxilio oficial, porque a cultura do povo é, ao presente, suficiente defeza de todos êsses valiosos elementos de carácter e de grandeza nacionais.

O que o passado legou aos pósteros da nossa terra só muito recentemente acordou a alma dum número, porventura ainda restrito, de portugueses que, felizmente, veem procedendo ao estudo, conservação e propaganda dos seus monumentos. Uma singular barbarie de séculos, entre nós, encerrou finalmente o seu ciclo, mercê da febril iniciativa de homens de excepcional emotividade e de indiscutível préstimo nesta cruzada de ressurgimento espiritual, pondo implicitamente termo a hórridas mutilações ou possíveis aniquilamentos dêsses veneráveis padrões históricos, que tantas vicissitudes sofreram.

¡Como simples natureza também, de peculiares

características, é esta orla do ocidente europeu uma inestimável jóia! ¡De norte a sul, percorre o viandante, quâsi sem insuperáveis obstáculos, um aprazível jardim de variadíssima paisagem, capaz de lhe excitar os maiores entusiasmos, tal como a lord Byron, que em estrofes sublimes perpetuou a sua admiração pelas maravilhas naturais da nossa terra!

¡O conjunto de motivos dados à estampa, constitutivo dêste album, ao acaso escolhidos, pode talvez avivar a nostalgia dos ausentes do paterno lar, mas deve encher-nos a todos de orgulho patriótico pela genuinidade da sua beleza!

Embora sucintos no relato àcerca dêste abundante manancial de inspirações fecundas, frisaremos, comtudo, suficientemente, a qualidade das provas aqui oferecidas ao público, para mais judicioso conceito.

Tratando-se de operações artísticas dependentes de certa iniciação e de conhecimentos fundamentais, bom é recordar normas e preceitos conducentes aos mais elevados fins.

A arte, como disse o grande pintor inglês Joshua Reynolds, nasceu para fazer vibrar a ima-



Aspecto da sala do Museu das Janelas Verdes em que estiveram expostos os retratos do grande pintor inglês László



Outro aspecto da sala do Museu das Janelas Verdes em que estiveram expostos os retratos do grande pintor inglês László

ginação, sem ostentação dos meios empregados. E, no caso presente, é a lente fotográfica o meio de obtenção do produto canceloso do intelectual apaixonado pelos múltiplos espectáculos que o mundo lhe oferece, dignos de registo. Seria injusto não considerar esta espécie de actividade como um ramo das belas artes. As leis do gosto são-lhe igualmente aplicáveis; certas regras de índole estética orientam na maioria dos casos o espírito do fotógrafo, que deseja esquivar-se à fria industrialização da sua tarefa para melhor corresponder à pureza de sentimentos.

Vulgarizada a fotografia, como de há muito se verifica, tornada banal e fria nas mãos de pessoas insusceptíveis de apreciar devidamente o belo das coisas, só em raras conjunturas consegue ela ser alvo de atenções.

¡Sair da banalidade é, com efeito, romper uma fortíssima barreira! O homem de génio, personalidade definida, vence sempre, em tôdas as circunstâncias, as maiores dificuldades nas suas tentativas criadoras; ainda o artista de talento, de educação especial intensificada, consegue ombrear com o primeiro, desde que intente êsse triunfo.

A scena a reproduzir, o objectivo dominante do seu esforço psicológico, conta com o aditamento harmónico da sua alma, dois factores êsses imprescindíveis para a completa concretização da obra d'arte. ¿Mas como realizar êsse *desideratum* nas operações de mecânica fotográfica? ¿Como proceder para que o produto artístico, desta especialidade, revele determinada subjectividade a que é obrigado? ¡Eis o ponto culminante da questão! ¡É a escolha do assunto já uma base importante: o lado aproveitável do mesmo, subordinado a uma luz conveniente, quando exigências acidentais não se preestabeleçam, impõem-se em primeiro lugar; quanto importa, todavia, possuir faculdades que relevem o artista!

Demais, é a óptica artística uma ciência de poucos. O belo não consegue nascer do caos das cores e das linhas, num desordenado capricho. É necessário traduzir com clareza, numa linguagem acessível, as formas, a luz e a sombra, sem excluir as grandezas. Se os espectáculos infringem as leis da sensibilidade óptica; se os contrastes de tôda a ordem não vincam hábilmente; se o pequeno e o imenso, a sombra e a côr, a



simplicidade e a riqueza se entrecrocavam, se misturavam arbitrariamente e sem regra, o espírito não adquire o prazer na sensação, não vislumbra assim ideias sob o invólucro material. É mister que a produção de arte alcance uma espécie de vida, de harmonia e ordem num todo homogêneo. Reproduzir apenas fielmente seja o que fôr, sem critério nem escolha e supor que disso possa provir a beleza, é pensamento que só ocorre a quem nunca se sentiu excitado pela ânsia de conhecer o infinito da natureza; pode, pois, um pequeno espaço encerrar as mais sublimes ideias!

Entre o cérebro e o mundo exterior há os meios, e esses são indiscutíveis. Falar da intervenção de aparelhos fotográficos diante de certos puritanos, é correr o risco de juízos depreciativos. Mas tudo tem a sua medida. . . se o fotógrafo procura competir com o pintor em resultados de identica finalidade, exorbita, neste caso, da sua função, pois que se trata de processos especiais, ao serviço duma moderníssima cultura.

Quando menos, cumpre ser justo, serviu a descoberta de Daguerre a abrir novos caminhos e a alargar os horizontes da arte, facultando novos ideais. E, a este respeito, bom será recordar o dito do grande pintor francês Delacroix, sempre citado quando se fala de renovadores audazes: «Quási no termo da minha carreira artística, surgiu a maravilha científica de Daguerre, que, nos meus começos, poderia conduzir-me a concepções mais altas de cenas da vida real!»

A documentação do artista tem de ser ampla, substancial, como o é para o homem de letras a sua biblioteca. Rafael de Urbino esforçou-se por reunir o maior número de cópias de tudo quanto poderia servir de base às suas sublimes concepções; os seus discípulos, constantes colaboradores da sua vasta obra, traziam-lhe, por sua incumbência, estudos precisos de monumentos de antiguidade, além de outros subsídios pitorescos, para o que, muitas vezes, realizavam extensas viagens. Hoje melhor e mais completamente constituiria ele, com o auxílio da fotografia, mais precisa e mais expedita, um conjunto de elementos valiosos, sem comprometimento da sua personalidade genial.

Na actividade hodierna, outras necessidades surgiram, e a fotografia bastante concorreu para isso. Evolucionou o espírito da plástica; o meio exige actualmente diversa orientação, sem, contudo, cair-se nas extravagâncias, geralmente mal aceitas, do cubismo e do futurismo, inovações resultantes de grave indisciplina mental, ou de propósitos caprichosos sem justificação possível.

Mas para que o produto fotográfico mereça o qualificativo de obra de arte, é necessário que ele

encerre as principais características: emoção e verdade subjectiva; satisfeitas estas condições, o fotógrafo é sem contestação uma entidade superior.

Objectivando a natureza, a máquina, reproduzindo geralmente nítido tudo quanto se lhe antepõe, de estrutura consistente, não apreende todavia o ambiente atmosférico. A prática tem mostrado pouco êxito na resolução deste sério problema. A perspectiva aérea, é acessório imprescindível; é ela que subtiliza as scenas capazes de fornecer verdadeiros quadros. Depende ela, porém, do acerto com que o operador procede, desde que este dispõe de intuição própria, embora desconheça regras mais ou menos dogmatisadas de escolas ou de autores didácticos. Um forte sentimento do belo triunfa, muitas vezes, dos moldes estabelecidos num intuito pretendidamente mais racional. O ar é pois um elemento de considerável importância; envolvendo os objectos torna-os afins e harmónicos, sem durezas nem soluções de continuidade. Fazer sentir a sua influência, ou torná-lo visível, é satisfazer um grande ideal de pitoresco e de poesia. Afoutamente se pode avançar hoje que toda a prova fotográfica sem ambiente atmosférico, é produto sem valor artístico.

*

Enfrenta a preciosa colecção de fotografias dadas neste album, um tipo de rapariga minhota que um sol deslumbrante faz avultar esculturalmente sobre um fundo de floresta, de forma vaga.

Este exemplar é o do «Regresso da fonte» mereciam detidas referências por qualidades de luz e de modelado, muito do apreço geral. O nosso intuito, ocupando-nos da apresentação desta valiosa colecção de estampas, é acusar o que de mais vulto se oferece ao público.

Basta contemplar demoradamente estas duas provas para descobrir subtilezas do melhor quilate. Os coloristas, modelando com valores influenciados por qualidades luminosas, compreendem o alcance dos meios em que estas figuras aparecem em atitude lógica, naturalíssima, recebendo d'elles irradiações que são a essência da cor em toda a obra pictural.

JOÃO AUGUSTO RIBEIRO.

(Excerpto da *Vida Rústica*, album ilustrado de Costumes e Paisagens, em distribuição. Trabalhos de Marques Abreu.)

